

Maranhão paga fundação de Sarney

■ Memorial que guarda futuro túmulo do ex-presidente é mantido com verba pública

JOSÉ DE ARIMATÉIA

SÃO LUÍS — Uma das mais novas atrações de São Luís — conhecida como a capital brasileira do *reggae* — não tem qualquer relação com música jamaicana ou com o bumba-meu-boi nordestino. É uma enorme e bela construção do século 16, restaurada pelo governo do estado por US\$ 9,5 milhões, onde desde o ano passado instala-se a Fundação Memorial José Sarney. Inspirada em instituições similares norte-americanas, é o único memorial erguido em honra a um político ainda vivo, mas Sarney também cuidou de, no futuro, eliminar este detalhe: num dos jardins da fundação há uma espécie de câmara mortuária, encoberta por um quadrilátero de 12 por 6 metros em mármore negro, destinado a servir de túmulo para o ex-presidente.

Com sua fundação, Sarney repete a prática de outros parlamentares que criam instituições com “fins culturais e sociais” para sustentá-las com verbas públicas. O Orçamento da União deste ano contempla a fundação com CR\$ 500 milhões do Fundo de Apoio à Cultura. A emenda foi proposta pelo senador Lourival Baptista (PFL-SE), amigo de Sarney. Há dotações de verbas também na área social e o governo do Maranhão paga todos os funcionários, além de haver cedido móveis e material de escritório. Em troca, usa uma ala do prédio como centro de convenções.

Originalmente, a instituição deveria se chamar Fun-

dação da Memória Republicana, mas na prática virou Fundação Memorial José Sarney, nome pelo qual é tratado até nos folhetos de turismo do governo maranhense. Sarney acha que a fundação é um marco na história republicana e diz que abrigará documentos de outros ex-presidentes. Por enquanto, conserva apenas seu acervo pessoal: sua biblioteca de 37 mil volumes, os originais de seus romances e 220 mil documentos relacionados com sua vida, entre escritos jornalísticos de quando ainda era rapaz a despachos com ministros na Presidência. O acervo audiovisual é menor, mas contém 15 mil fotografias, 1.500 reportagens em filme 16mm, 1.000 slides, 480 álbuns fotográficos e quase 800 horas de fitas de vídeo sobre o ex-presidente.

“A megalomania do Sarney adoeceu sua cabeça”, diz o ex-deputado Domingos Freitas Diniz. “Mas o pior é que esta doença vem sendo sustentada com dinheiro do contribuinte.” Freitas Diniz enviou ao Senado, em 92, uma representação pedindo que se investigue a fundação. No seu entender, Sarney feriu a ética ao receber do governo do Maranhão um imóvel quando exercia mandato parlamentar.

José Sarney preside o Conselho Curador da fundação, indica pessoalmente 11 dos 15 conselheiros e tem poder de veto em qualquer decisão. Quando o ex-presidente morrer, o memorial passa a ser dirigido por um parente seu, indicado em testamento.